

A viscondessa e seus artistas: a trajetória de um leque de autógrafos

Maraliz de Castro Vieira Christo
Universidade Federal de Juiz de Fora

O texto acompanha o primeiro ano de formação da coleção de autógrafos, apostos sobre um leque da viscondessa de Cavalcanti, ao longo de 55 anos. Ela se inicia, em 31 de dezembro de 1890, com a assinatura de D. Pedro de Alcântara, exilado em Cannes, França. De Cannes, o leque segue para Paris, Lisboa e Rio de Janeiro, retornando, no final de 1891, à capital francesa, no momento da morte do antigo imperador do Brasil. Nesse primeiro ano, a coleção já apresentava suas características constitutivas: abarcava uma gama variada de personalidades ligadas à cultura de seu tempo (artistas plásticos, escritores, atores, compositores, cientistas e políticos), todas em plena maturidade, altamente consagradas, pertencentes a um circuito social muito próximo.

Palavras-chave: colecionismo, coleção de autógrafos, Viscondessa de Cavalcanti, Museu Mariano Procópio.

The text follows the first year in the composition of the Viscountess of Cavalcanti's autograph collection, affixed on a fan over the course of 55 years. It begins on December 31, 1890 with the signature of D. Pedro de Alcântara, in exile in Cannes, France. From Cannes, the fan goes on to Paris, Lisbon, and Rio de Janeiro, returning at the end of 1891 to the French capital, at the time of the death of the former emperor of Brazil. In that first year, the collection already showed its defining features: it included a wide range of personalities linked to the culture of its time (artists, writers, actors, composers, scientists, and politicians), all at the height of their careers and highly lauded, belonging to a very close social circle.

Keywords: collecting, autograph collection, Viscountess of Cavalcanti, Mariano Procópio Museum.

Há, no Museu Mariano Procópio, um objeto excepcional para o estudo das relações entre o colecionador e suas preferências artísticas. Tratasse de um leque, originalmente em branco, que se tornou, ao longo de 55 anos, suporte para uma coleção de 68 autógrafos, contendo mensagens e desenhos de célebres escritores, artistas, músicos, atores, cientistas e políticos de seu tempo.

O leque pertenceu à Amélia Machado Cavalcanti (07/11/1853-21/02/1946), mulher culta, nascida no Rio de Janeiro, casada com Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (1829-1899), importante político, enobrecido com o título de Visconde, em 1888. Com a queda do Império, o visconde abandonou a vida política e o casal fixou residência em Paris, integrando a pequena colônia de brasileiros próximos à família imperial no exílio.



Arthur de Azevedo, escrevendo na *A estação, jornal ilustrado para a família*, sob o pseudônimo de "Elóy, o herói", em 30 de novembro, relata às leitoras ter visto o leque no atelier dos irmãos Bernardelli, revelando as 25 assinaturas ali contidas até aquele momento. Como grande parte das assinaturas não são datadas, a relação elaborada por Arthur Azevedo nos permite acompanhar a trajetória do leque por um ano, o que faremos no presente texto.

A coleção de autógrafos inicia-se em 31 de dezembro de 1890, com a assinatura de D. Pedro d'Alcantara, na cidade de Cannes, França. Em seu diário, o Imperador anotou, em 28 de dezembro, a visita do amigo fiel, Diogo Velho, e o pedido deste para que fizesse versos para o leque da mulher, crendo não ter ficado "mal o soneto com a rima de Amélia nome dela", mote sugerido pelo Visconde¹. Curioso observar que, apesar dos esforços do dia 28 e de, aparentemente, ter se sentido satisfeito com a rima relativa à Amélia, o soneto fixado no leque por D. Pedro, no último dia do ano, será outro: "*Nada há mais sublime que a amizade. Não envelhece, revigora com a idade*". No ano novo de 1891, seguem-se as assinaturas da filha Isabel, do genro, o Conde d'Eu, e dos netos

¹ *Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1891*. Petrópolis: Museu Imperial, 1999. (CD-Rom, v.36).

Pedro, Luís e Antônio, com a mensagem "Que 1891 lhes traga todas as felicidades. É o que de coração lhes desejam."



Esse grupo inicial de assinaturas é marcado, portanto, por profundo laço de amizade e solidariedade, por forte noção de pertencimento ao passado monárquico.

Em fevereiro, encontramos o segundo grupo de assinaturas datadas. O leque voltou a Paris, permanecendo nas mãos de Victor Cherbuliez (1829-1899), que o assinou no dia 12. Suíço naturalizado francês, era escritor e crítico literário, reconhecido com a Legião de Honra e membro da Academia francesa, então com 61 anos. Provavelmente, Cherbuliez passou o leque a seu genro, Gabriel Lippmann (1845-1921), que após sua assinatura dois dias depois, ao lado da deixada pelo sogro. Professor de física matemática da Sorbonne, Lippmann era reconhecido por seus trabalhos em ótica e eletricidade, tendo desenvolvido vários instrumentos. Desde 1886, estudava a reprodução fotográfica da cor. Posteriormente, em 1908, receberia o Prêmio Nobel de Física. Era comum nos leques de autógrafos a presença de escritores e artistas. A inclusão de um físico aponta para a questão da escolha dos signatários; ele foi convidado pela viscondessa ou por Cherbuliez, seu sogro? Alguns elementos poderiam aproximá-lo da viscondessa, a exemplo dos estudos ligados à fotografia, também alvo da prática colecionista de Amélia²; ou do fato de D. Pedro acompanhar esses mesmos estudos, tendo contato com Lippmann na Academia das Ciências, que frequentava em suas visitas a Paris³

Após Cherbuliez e Lippmann, seguindo a ordem cronológica das assinaturas datadas, em 11 de março de 1891, o escritor português Eça de Queiroz, em função consular na

² Ver: FERRAZ, Rosane Carmanini. *A coleção de fotografias do Museu Mariano Procópio e as sociabilidades no Brasil Oitocentista*. Juiz de Fora: 2016 (tese de doutoramento, História, UFJF).

³ Em 25 de maio de 1891, D. Pedro registrara: "Falei a Lippmann sobre as fotografias reproduzindo as cores e de impressão que me produziram as do homem de aqui de que não me lembro agora o nome. Lippmann disse-me que enviará as suas provas fotográficas". *Diário, op. cit.,v.39*.

capital francesa, desde 1888, assina o leque. Em carta dirigida à viscondessa, Eça pede desculpas pela demora em devolver o leque. Por ser a sua estreia neste gênero de literatura, teria hesitado antes de fazê-lo⁴. No leque escreveu: "*Este velho e tão louvado Aphorismo: A mulher, na sua beleza, é mais forte que um Exército posto em batalha - foi certamente escrito por Salomão no leque de pergaminho e sândalo da Rainha de Sabá*". Vale lembrar que, em 1891, Eça de Queiroz estava terminando a tradução das *Minas de Salomão*, do inglês Henry Rider Haggard.

Há no leque várias outras personalidades, que não dataram suas assinaturas, mas sabe-se, pelo artigo de Arthur Azevedo, que o fizeram no primeiro semestre de 1891. Nesse grupo situaremos, inicialmente, duas figuras sobejamente conhecidas na época: o escritor Alexandre Dumas Fils (1824-1895) e o ator Constant Coquelin (1841-1909), que igualmente apuseram suas assinaturas uma ao lado da outra.

Dumas Fils, agraciado com a Legião de Honra e membro da Academia Francesa, era frequentador assíduo dos salões da Madame Caillavet e de Madame Strauss, que promoviam famosos encontros literários em Paris. Dentre os participantes do salão de Madame Strauss, destacava-se a Princesa Mathilde Bonaparte (1820-1904), prima de Napoleão III, de quem o autor de *A dama das camélias* assinara o leque, em 1887⁵.

Aos 66 anos, Alexandre Dumas Fils escolheu para reproduzir no leque da viscondessa de Cavalcanti, uma frase sua utilizada pelo verbete "bêtise", do Grande Dicionário Larousse do século XIX⁶: "O que lamento é que o gênio tenha limites e que a estupidez não os tenha⁷".

Integrante da Comedie Francaise desde 1860, o ator Constant Coquelin (1841-1909), conhecido como Coquelin aîné, estivera, com o incentivo de D. Pedro II⁸, em turnê pelo Brasil, em 1888⁹, e retornara, em 1890, apresentando-se no Teatro Lirico¹⁰. De volta à Paris e à Comedie, atua como "Labussière" na produção de "Thermidor" de Sardou; peça encenada em 24 de janeiro de 1891 e proibida pelo governo em sua segunda apresentação, dois dias depois. Coquelin, aos 50 anos, escrevera no leque « As mulheres sabem mais do que nós sobre aquelas coisas que sabemos sem que as tivéssemos aprendido."¹¹

Em 1891, quatro pintores situados em Paris assinaram o leque: Léon Bonnat (1833-1922), 58 anos; Carolus Duran (1837-1917), 54 anos; Jean Beraud (1849-1936) 42

⁴Carta de Eça de Queiroz à viscondessa de Cavalcanti, de 12/03/1891. Arquivo Histórico, Museu Mariano Procópio.

⁵ *Femmes peintres et salons au temps de Proust, de Madaleine Lemaire à Berthe Morisot*. Paris: Hazan, 2010, p.48-49.

⁶ Publicado na página 657, do segundo volume, do *Grand Dictionnaire universel du XIXe Siècle*.

⁷ "Ce qui me désole c'est que le génie a des limites et que la bêtise n'en a pas."

⁸ D. Pedro II estava em sua terceira viagem ao exterior, em Cannes, onde, em 16 de fevereiro de 1888, escrevera em seu diário: "Ao chegar ao hotel recebi Theodoro de Gloser empresário da tournée Coquelin-ainé a quem falei no meu desejo de que esta vá ao Brasil, como pretende, quando eu já lá estiver, tencionando ele partir para a América do Sul em princípios de maio"

⁹ Correio Paulistano, São Paulo, 26/07/1888

¹⁰ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09/04, 10/04, 18/07, 07/08, 10/09/1890.

¹¹ *Les femmes en savent plus long que nous dans les choses qu'on sait sans les avoir apprises*.

anos; e Raimundo Madrazo (1841-1920), 50 anos. Situavam-se os artistas na faixa dos 42 a 58 anos, acumulando os mais importantes prêmios nos salons oficiais, detentores da legião de honra, requisitados pelo mercado de arte, principalmente por retratarem personalidades de seu tempo.

Há uma profunda ligação entre eles. Léon Bonnat fora aluno de Federico de Madrazo y Kuntz, pai de Raimundo Madrazo, em Madri.¹² Por sua vez, Raimundo Madrazo, em 1862, irá para Paris, frequentando o atelier de Bonnat, sendo por ele retratado em 1866¹³. Jean Beraud igualmente estudara com Bonnat, em 1872. Em 1890, Beraud criara a Société Nationale des Beaux-Arts em companhia de artistas dissidentes como Rodin, Meissonier, Puvis de Chavannes e Carolus Duran. Bonnat, Madrazo, Beraud e Duran participaram também da Exposição Universal de Paris de 1889.

Realizada entre 6 de maio e 31 de outubro de 1889, a exposição universal tornou-se um momento especial para o casal Cavalcanti: o visconde fora Comissário Geral do Brasil na exposição, enquanto a esposa recebera medalha de ouro por sua coleção de pedras preciosas¹⁴.

Em 1889, a viscondessa procurou Léon Bonnat para encomendar-lhe o retrato. Encontram-se, no Museu Mariano Procópio, duas cartas e um cartão de Bonnat destinados à viscondessa. Na carta, datada de 2 de dezembro de 1889, Paris, o pintor marca possível sessão de pose para o retrato da viscondessa; do mesmo teor parece ser o breve conteúdo do cartão não datado. Nesse período, Bonnat realizou não um, mas dois retratos da viscondessa, permanecendo o segundo com sua filha Stella (1872-1916)¹⁵.

Além de lhe realizar os dois retratos, Bonnat a presenteara com a calcografia¹⁶ de seu polêmico¹⁷ quadro *Crist en croix*,¹⁸ onde se pode ler a dedicatória: "*À Madame la Viscontesse de Cavalcanti Hommage respectueux Ln Bonnat. 22 Juillet 1889 – Paris*". Há também no Museu Mariano Procópio dois desenhos de Bonnat, procedentes da coleção da viscondessa.

Léon Bonnat representara no leque o autorretrato.

¹² *Dictionnaire de la peinture*, Paris: Larouse, 1996, p. 223.

¹³ *El mundo de los Madrazo*. Madrid: Comunidad de Madrid, 2007, p.343-354.

¹⁴ Ver: MONOD, Émile, *L'Exposition Universelle de 1889: grand ouvrage illustré, historique, encyclopédique, descriptif*, 1890, p. 29.

¹⁵ Léon Bonnat, *Viscondessa de Cavalcanti*, 1889. Óleo s/tela, 93 x 65 cm., MNBA.

Léon Bonnat, *Viscondessa de Cavalcanti*, 1889. Óleo s/tela, 70,5 x L 60 cm., Museu Condes de Castro Guimarães, Cascais, Portugal.

¹⁶ Léon Bonnat, *Crist en croix*, 1889. Calcografia, 63 x 45,5 cm, MMP.

¹⁷ GUÉGAN, Stéphane, *Cent tableaux qui font débat*, 2013, pp. 214-215.

¹⁸ Léon Bonnat, *Crist en croix*, 1874. Óleo s/ tela, 229 x 160 cm, Petit Palais, Paris.

Além dos seus retratos, a viscondessa encomendou a Raimundo Madrazo (1841-1920)¹⁹ o retrato de sua filha Stella²⁰, aos 18 anos²¹, executado igualmente em 1891. Aos 50 anos, considerado “um parisiense por adoção”²². Raimundo Madrazo desenhou no leque o busto de sua modelo Aline Masson, tal qual a representara no famoso quadro *Pierrette*²³. A viscondessa possuía mais uma pintura de Raimundo Madrazo, em sua coleção de miniaturas, pertencente ao Museu Mariano Procópio²⁴.

Embora o retrato de Stella e a assinatura do leque datem de 1891, a proximidade da viscondessa com Raimundo Madrazo parece retroceder, ao menos, a 1886. Há, no Museu Mariano Procópio, pequena mensagem do pintor endereçada à viscondessa.

Carolus Duran (1837-1917) desenhou no leque uma jovem sorridente, de seios nus e braços ao alto, segurando, com a mão direita, um pandeiro. O artista retirara a jovem do séquito de Baco, que pintara no quadro *Triomphe de Bacchus*,²⁵ apresentado no *Salon* de 1889²⁶. O início de 1891 fora movimentado para Duran²⁷. Em janeiro, sua obra *Triomphe de Marie de Médicis* fora transferida do Musée de Luxemburgo para o Louvre; de 2 de fevereiro a 12 de março, a exemplo de anos anteriores, expusera no Cercle de l'Union artistique²⁸, como também o fizera Jean Béraud. O Cercle de l'Union artistique fora criado em 1860, para aproximar os artistas da elite aristocrática francesa²⁹. Em 13 de maio, a Société Nationale des Beaux-Arts, da qual Carolus Duran era membro fundador, inaugurou o *Salon de Champ-de-Mars*, aberto duas semanas mais tarde do que o oficial *Salon de Champs-Élysées*, organizado pela Société des Artistes Français, onde expusera Léon Bonnat. Em seu diário, D. Pedro, recém chegado a Paris, registrou, em 24 de maio, sua impressão sobre o *Salon de Champ-de-Mars*: “Medíocre a não serem os retratos feitos por Carolus Duran”³⁰.

Igualmente no *Salon de Champ-de-Mars* Jean Béraud exibira *La Madeleine chez le pharisien*,³¹ provocando muita polêmica. Para desenhar no leque, Béraud escolhera exatamente Madalena aos pés de Cristo.

¹⁹ Apesar da ficha técnica da obra no Museu Nacional de Belas Artes indicar como autor Ricardo Madrazo, irmão de Raimundo, pelo quadro estar assinado “R. Madrazo”, comparando as assinaturas dos dois pode-se constatar corresponder a do quadro mencionado à Raimundo Madrazo.

²⁰ R. Madrazo, *Retrato de Stella*, 1891. Óleo s/tela, 72,5 x 59 cm., MNBA

²¹ Carta de Alberto de Farias ao Ministro da Justiça, Affonso Penna Jr., publicada pelo jornal *Gazeta de Notícias*, de 14 de maio de 1926.

²² *L'Art et les artistes : revue mensuelle d'art ancien et moderne*...Paris, out. 1912.

²³ Raimundo Madrazo, *Pierrette*, [1878]. Óleo s/tela, 2,00 x 0,99 m. Madri. Col. Particular.

²⁴ R. M. s/t, s/d. Óleo sobre madeira, 8 x 6,5 cm., MMP.

²⁵ Carolus-Duran, *Triomphe de Bacchus*, 1889. Óleo s/ tela, 360 x 500 cm, Col. Particular.

²⁶ Participou do leilão da Sotheby's, Nova York, lote 49, 28 de outubro de 2003. Disponível em <http://www.sothebys.com/en/auctions/ecatalogue/2003/19th-century-european-art-including-the-great-19th-century-ateliers-ingres-to-bouguereau-n07930/lot.49.html>, último acesso em abr/2015.

²⁷ *Carolus-Duran, 1837-1917*. Paris: RMN, 2007.

²⁸ CAC, nº 6, 7 février 1891, p. 41.

²⁹ Ver: BRAVARD, Alice. “Le cercle aristocratique dans la France bourgeoise 1880-1939”. *Histoire, économie & société* 2011/1 (30e année), p. 85-99.

³⁰ *Diário*, op. cit, v.37.

³¹ Jean Beraud, *La Madeleine chez le pharisien*, 1891. Óleo s/ tela, 0,97 x 1,30, Musée d'Orsay.

De janeiro a maio de 1891, muitas foram as oportunidades da viscondessa de Cavalcanti encontrar os pintores signatários do leque, a exemplo do salon aristocrático do Cercle de l'Union artistique, do salon oficial da Société des Artistes Français, ou do salon independente da Société Nationale des Beaux-Arts.

Seguindo a ordem cronológica das assinaturas, o leque seguira para Lisboa, encontrando-se em mãos de outros escritores portugueses da conhecida geração de 1870, Anthero de Quental, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão, que o assinaram em 12 de maio de 1891.

Aqui temos mais algumas interrogações sobre a trajetória do leque. Em maio, D. Pedro, como vimos, encontrava-se em Paris. No final da tarde do dia 22, registrara no diário: "Vieram Visconde e Viscondessa de Cavalcanti. Achei-os avelhantados." ³²

Teria ido a viscondessa à Lisboa, entre 11 de março e 12 de maio, retornando a Paris antes de 22 de maio, sendo que viajaria ao Brasil em julho, passando novamente por Lisboa? Teria outro emissário levado o leque, visando recolher assinatura do grupo de escritores próximo a Eça de Queiros?

Quando Eça de Queiroz, na carta à viscondessa, afirmara ser essa a sua estreia neste gênero de literatura, esquecera-se de outro leque, que marcara a sua vida, quiçá a do grupo. No outono de 1884, Eça de Queirós esteve na praia da Granja com a Condessa de Resende e suas duas filhas, Emília e Benedita. Ali, o escritor perdeu uma partida de bilhar para Emília, com quem se casará em 1886. Emília possuía um leque de cetim cor de ouro, ornado de aquarela representando um grupo de cinco cães. Segundo Ramalho Ortigão, "Uma das condições da aposta era que o leque seria escrito pelos amigos com que Eça de Queirós tinha de vir almoçar ao Porto". No almoço, realizado no Palácio de Cristal, os cinco "sábios", como lhes chamou Emília, fizeram-se fotografar e autografaram o leque³³.

O leque de D. Emília de Castro Resende atesta a união do "grupo dos cinco", que, ampliado, se tornará conhecido em 1888 como o grupo dos "Vencidos da Vida". O mesmo "grupo dos cinco" assina o leque da viscondessa de Cavalcanti, tendo Guerra Junqueiro o feito, no lado inverso aos demais, três anos depois, em 20 de março de 1894, na cidade do Porto. A diferença das datas, em que os cinco assinaram o leque, demonstra o empenho da viscondessa em tê-los juntos.

Do grupo, a viscondessa mantinha laços de amizade conhecidos com Ramalho Ortigão. Em carta, datada de 4 de julho de 1889, de Paris, endereçada à esposa, Emília Isaura Vilaça de Araújo Vieira, Ramalho Ortigão fez várias referências à viscondessa de

³² *Diário, op. cit.*, v.39.

³³ Em *A Ilustração*, 20/09/1885; publicado por FIALHO, Irene. *Almanaques e outros dispersos*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2011.

Cavalcanti, destacando o conhecimento que a mesma possuía do Brasil, sua atenção para com ele, e que irá, nesta data, à soirée na residência da viscondessa³⁴.

Retomando a cronologia das assinaturas no leque, viu-se que, em maio de 1891, os escritores portugueses Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Antero de Quental deixam-lhe mensagens, datando-as e identificando estarem em Lisboa.

Em 21 de julho, a viscondessa de Cavalcanti chegou com o marido e a filha Stella ao porto do Rio de Janeiro, pelo vapor francês *Brésil*. No mesmo dia, igualmente chegou Joaquim Nabuco, pelo vapor inglês *Clyde*, vindo de Londres³⁵. Não sabemos se foi nessa data, no movimento do porto, que Joaquim Nabuco (1849-1910) recebera o leque, ou em alguma reunião posterior, com amigos em comum, a exemplo da Machado de Assis, que o assinara em 27 de agosto.

Machado de Assis e a viscondessa de Cavalcanti se conheciam de longa data. Em artigo publicado na revista *Ilustração Brasileira*, de 15 de agosto de 1877, Machado de Assis comentou sobre "as quintas-feiras no palacete do casal Cavalcanti". No leque Machado escreverá: "*Neste banquete de Deuses, é de mister que haja alguém que os sirva. Aceito o ofício, Divina Juno*".

Talvez, não por acaso, as assinaturas de Joaquim Nabuco e Machado de Assis sejam vizinhas no leque, assim como acompanharem igual interesse pela cultura clássica. Nabuco no leque escrevera: "*Helena viverá ainda quando tiverem morrido Achilles e Homero*".

Nesse momento, como dirá Graça Aranha, na introdução à correspondência entre Machado e Nabuco, "Machado de Assis era o autor de *Brás Cubas* e Joaquim Nabuco o paladino da Abolição."³⁶ Com a República, Nabuco, monarquista, enfrentou o ostracismo político, agravado por uma crise financeira familiar, que o fez partir para Londres. Regressou ao Rio, como visto em 1891, aos 41 anos, trabalhando no *Jornal do Brasil*, do qual já era correspondente em Londres.

O leque também se abria para a música, com as assinaturas de Arthur Napoleón (1843-1925) e Carlos Gomes (1836-1896), apostas relativamente próximas, datadas do mesmo modo, "Rio nov 1891", acompanhadas cada qual por pequena linha de partitura.

Arthur Napoleão trouxe para o leque "Ricordati, Romance Varie", identificada pelo seu número de opus "Ricordati, op. 66". A música fora composta em 1885 e dedicada

³⁴ ORTIGÃO, Ramalho. *Cartas a Emília*. (Introdução, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini). Lisboa: Lisóptima Edições - Biblioteca Nacional, 1993.

³⁵ "Movimento do porto, entradas no dia 21". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22/07/1891.

³⁶ Machado de Assis e Joaquim Nabuco, correspondência. 3ª ed. Topbooks, 2003 p. 29. É importante lembrar que o romance foi desenvolvido em princípio como folhetim, na revista *A Estação*, entre os anos de 1886 e 1891. Foi publicado definitivamente pela Livraria Garnier, no final de 1891. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11/01/1892, p. 1.

Leopold Miguez, compositor e ex-sócio de Napoleão³⁷. Essa foi uma das obras mais famosas do autor, executada pela primeira vez em 27 de junho de 1886, no Teatro Real São Carlos, em Lisboa, por seu irmão Alfredo Napoleão.

O compositor dedicou algumas de suas peças à viscondessa de Cavalcanti, como a de número de opus seguinte a que foi transcrita no leque, "Soirées do Rio". A eleição de uma peça em detrimento da outra, talvez possa ser explicada por ter sido a primeira mais executada junto ao grande público que a segunda³⁸. Arthur conheceu a viscondessa quando esta tinha 15 anos, ao encontra-la com o padrasto num navio, em viagem que fizera de Portugal ao Brasil, em 1868³⁹. Quando ela e o marido recebiam convidados no palacete da Rua Senador Vergueiro, nas quintas-feiras, com Arthur Napoléon, a viscondessa tocava Beethoven a quatro mãos⁴⁰.

Arthur Napoléon, além de compositor e pianista, era proprietário de uma casa de edição, à Rua do Ouvidor, nº 89, ponto de encontro de intelectuais que pelo Rio de Janeiro circulavam. Ali, Arthur Napoléon recebia Machado de Assis, para conversar ou jogar xadrez. Igualmente, com Machado, Arthur compusera músicas em parceria, como *Lua da Estiva Noite*.

Um mês antes de a viscondessa de Cavalcanti e Joaquim Nabuco retornarem ao Brasil, Carlos Gomes veio da Itália, onde apresentara no teatro Scalla de Milão a ópera *Condor*. Instalou-se na Rua do Ouvidor, nº 134, próximo, portanto, a Arthur Napoléon, que editara muitas de suas composições. Com a proclamação da República, Carlos Gomes perdeu o apoio oficial e a esperança de ser nomeado diretor da Escola de Música do Rio de Janeiro. Agora, aos 55 anos, buscava continuar vivendo do seu trabalho. Em julho, iniciou a temporada de apresentações de *Condor*, no Teatro Lírico. No leque escreveu um trecho da partitura de uma das suas obras mais conhecidas, *Lo schiavo*.

Arthur Napoléon e Carlos Gomes assinaram o leque em novembro, logo em seguida, Arthur Azevedo o viu no atelier dos irmãos Bernardelli, com desenhos de Rodolpho e Henrique, além de Pedro Weingärtner, que com eles estava morando. Os artistas brasileiros signatários do leque formam uma unidade. Rodolpho e Henrique Bernardelli, assim como Pedro Weingärtner, em 1891, situavam-se entre 33 e 39 anos. Relativamente jovens, eram reconhecidos pela crítica como artistas completos, podendo compararem-se a João Zeferino da Costa, então com 51 anos, a quem, em 1896, a viscondessa encontrará em Roma, preparando os estudos para a decoração da Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, e solicitara que contribuísse para a sua coleção de autógrafos.

³⁷ CAZARRE, Marcelo Macedo. *Um virtuose do além-mar em terra de Santa Cruz, a obra pianística de Arthur Napoleão (1843-1925)*, vol. I e II. Porto Alegre, 2006. (Tese de Doutorado, UFRGS)

³⁸ FREITAS, Moanne Barbosa de. *A música no leque da viscondessa de Cavalcanti*. Artigo apresentado para aproveitamento da disciplina Patrimônio Histórico II, do curso de História da UFJF, 2014.

³⁹ FRIAS, Sanches de, *Arthur Napoleão: Resenha comemorativa da sua vida pessoal e artística*. Subsidiada por amigos e admiradores do artista, Lisboa, 1913.

⁴⁰ PINHO, Wanderley. *Salões e damas do segundo reinado*. São Paulo: Livraria Martins, 1942, p. 227.

Todos se distinguiram pela competência técnica, fruto de longa aprendizagem, que incluía indispensável estadia na Europa; por participarem e conquistarem prêmios em importantes exposições; assim como, por serem bem aceitos pelos críticos. Fortes laços de amizade os aproximavam, desenvolvidos a partir de vivências em comum no exterior e no Brasil.

Naquele estrito momento, eram símbolo de modernidade e abraçavam uma causa em comum: a reestruturação da antiga Academia Imperial de Belas Artes. Em 1891, foram nomeados professores da ENBA, tendo Rodolpho assumido também a direção.

Elegeram, para desenharem no leque, detalhes de uma produção relativamente recente: Rodolpho, *Cristo e a mulher adúltera*, de 1884; Henrique, *Os Bandeirantes*, de 1889; Weingärtner, *Cena de ciúmes*, de 1890. Trabalhos realizados na Itália, marcados por certo realismo e festejados pela crítica.

A coleção de autógrafos da viscondessa no leque já contava com 25 assinaturas. Porém, a instabilidade da jovem república aumentara com o conflito entre o Congresso e o Marechal Deodoro da Fonseca, levando-o a dissolvê-lo e decretar estado de sítio.

Coincidência ou não, no dia 10 de novembro, a viscondessa, o marido e a filha, embarcaram novamente no vapor *Brésil*, retornando à Europa. Vinte dias após, Deodoro viu-se forçado a renunciar à Presidência, assumindo o vice Floriano Peixoto. Como Nabuco explicou ao barão de Penedo, justificando igualmente sua saída do país, no final do ano: “um monarquista militante, ou antes predicante, não pode viver por enquanto em nossa terra, é pior sob Floriano do que sob Deodoro”⁴¹

A viscondessa chegaria à França a tempo de acompanhar os últimos momentos de D. Pedro II, que morreria em 5 de dezembro de 1891, tendo-lhe o visconde assinado como testemunha o atestado de óbito⁴².

Em síntese, identifica-se, desde o início, não ser a coleção de autógrafos apenas um indício das relações da viscondessa com os signatários, aproximando-se mais de uma construção coletiva, no interior de um círculo restrito. Percebe-se a busca da viscondessa em estruturar uma coleção que privilegie artistas plásticos, escritores, compositores, atores, mas também cientistas e políticos. Todos com carreiras consolidadas, reconhecidos por importantes prêmios recebidos.

Referências Bibliográficas

BRAVARD, Alice. “Le cercle aristocratique dans la France bourgeoise 1880-1939”. *Histoire, économie & société* 2011/1 (30e année), p. 85-99.

⁴¹ NABUCO, Joaquim, *Diários*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, produções literárias, 2006, p. 297.

⁴² *Jornal do Brasil*, em 17/01/1892.

Carolus-Duran, 1837-1917. Paris: RMN, 2007.

CAZARRE, Marcelo Macedo. *Um virtuose do além-mar em terra de Santa Cruz, a obra pianística de Arthur Napoleão (1843-1925)*, vol. I e II. Porto Alegre, 2006 (Tese de Doutorado, UFRGS).

Diário do Imperador D. Pedro II, 1840-1891. Petrópolis: Museu Imperial, 1999. (CD-Rom, v.36).

Dictionnaire de la peinture, Paris: Larouse, 1996.

El mundo de los Madrazo. Madrid: Comunidad de Madrid, 2007.

Femmes peintres et salons au temps de Proust, de Madaleine Lemaire à Berthe Morisot. Paris: Hazan, 2010.

FERRAZ, Rosane Carmanini. *A coleção de fotografias do Museu Mariano Procópio e as sociabilidades no Brasil Oitocentistas*. Juiz de Fora: 2016 (tese de doutoramento, História, UFJF).

FIALHO, Irene. *Almanaques e outros dispersos*. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2011.

FREITAS, Moanne Barbosa de. *A música no leque da viscondessa de Cavalcanti*. Artigo apresentado para aproveitamento da disciplina Patrimônio Histórico II, do curso de História da UFJF, 2014.

FRIAS, Sanches de, Arthur Napoleão: *Resenha comemorativa da sua vida pessoal e artística. Subsidiada por amigos e admiradores do artista*, Lisboa, 1913.

GUÉGAN, Stéphane, *Cent tableaux qui font débat*, 2013.

Machado de Assis e Joaquim Nabuco, correspondência. 3ª ed. Topbooks, 2003.

MONOD, Émile, *L'Exposition Universelle de 1889: grand ouvrage illustré, historique, encyclopédique, descriptif*, 1890.

NABUCO, Joaquim. *Diários*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, produções literárias, 2006.

ORTIGÃO, Ramalho. *Cartas a Emília*. (Introdução, fixação do texto, comentários e notas de Beatriz Berrini). Lisboa: Lisóptima Edições - Biblioteca Nacional, 1993.

PINHO, Wanderley. *Salões e damas do segundo reinado*. São Paulo: Livraria Martins, 1942.